

# Eventos críticos e saberes oníricos: apanhadores de sonhos, saúde mental e a pandemia de covid-19 no Brasil

Felipe Magaldi

## Introdução

*“Os brancos não sonham tão longe quanto nós.  
Dormem muito, mas só sonham consigo mesmos”*  
(Kopenawa; Albert, 2015, p. 390).

Em *A queda do céu*, o xamã Yanomami Davi Kopenawa e o antropólogo francês Bruce Albert (2015) apontam para o contraste entre o modo de vida ameríndio e o que consideram o pensamento curto e obscuro dos brancos – os *napëpë*, que na língua Yanomami pode significar estrangeiro ou inimigo. Viveiros de Castro (2015, p. 37) descreve essa sentença a propósito da vida onírica como “o juízo mais cruel e preciso até hoje sobre a característica central do povo da mercadoria”. Trata-se aqui da desvalorização epistêmica do sonho, que iria ao encontro da autofascinação solipsista e da avareza fetichista dos modernos. Se no mundo xamânico o sonho seria a via régia do conhecimento dos fundamentos invisíveis do cosmos, no mundo dos brancos seria apenas um palco de reflexos e simulacros obsedantes deles mesmos.

De fato, as pretensões purificadoras e os grandes divisores do projeto moderno (Latour, 2009) contribuíram para encerrar o sonho na zona do erro, do engano e da ilusão, deixando-o em afinidade com a inspiração artística, mas em oposição à razão científica. No final do século XIX, o surgimento da psicanálise e sua disposição singular de combinar o modelo hegemônico de conhecimento à filosofia romântica (Duarte, 2007) foi decisivo, pois permitiu que o sonho fosse

assumido como objeto de escrutínio privilegiado no marco de um saber pretensamente científico. A possibilidade de uma interpretação dos sonhos não somente levou a múltiplos desdobramentos, como também a muitas críticas, dentro e fora dos saberes *psi*. Embora a obra de Freud tenha se estabelecido como marco teórico privilegiado para o exame dos conteúdos oníricos no pensamento ocidental, convive com outros saberes científicos, como a neurociência, e com uma plethora de práticas artísticas e espirituais, além de saberes não ocidentais.

Neste artigo, sem tomar partido por uma ou outra linha, mas assumindo suas tensões e contradições, penso na possibilidade de conjunturas ocasionais de revalorização epistêmica do sonho. Trato aqui de mapear situações *sui generis*, nas quais saberes modernos e não modernos, bem como práticas científicas e artísticas, podem entrar em relativa confluência, e o tradicional binômio indivíduo/sociedade pode ser de alguma forma tensionado.

Esse fenômeno encontra um cenário privilegiado de ocorrência nos chamados *eventos críticos*. Consiste em acontecimentos que, se bem pressupõem uma ruptura na continuidade temporal da situação da vida, impõem também a necessidade de criação de novos modelos de entendimento, tal como sugerido por Veena Das (2020). Embora haja evidentes limites para o surgimento do novo, é preciso prestar atenção aos aspectos inventivos surgidos no momento de ruptura das expectativas cotidianas de linearidade.

Mais concretamente, exploro como se deu uma proliferação de saberes sobre os sonhos nos dois primeiros anos da pandemia de covid-19 no Brasil. O cenário de um evento crítico, que promoveu uma descotidianização do mundo (Lins Ribeiro, 2021), teve como consequência a colocação do sonho em discurso na esfera pública. Para tanto, não proponho uma reconstrução histórica ou uma revisão exaustiva ou completa, mas tomo como ponto de partida minha experiência etnográfica com alguns desses modos de conhecimento e seus respectivos estilos e coletivos de pensamento (Fleck, 2012). Dita experimentação, visto o contexto de isolamento social, se deu integralmente de forma virtual, seja por participação em pesquisas, cursos ou acompanhamento de *lives* a propósito da temática onírica.

Ao passar por essas situações, não tinha consciência plena ou intenção explícita de estar fazendo uma pesquisa sobre sonhos, que não é exatamente meu tema principal de pesquisa. Na verdade, foi a força do hábito de etnógrafo que me fez tomar nota de quase tudo. Se uma parte de mim já acreditava que isso poderia se tornar um artigo, era

uma parte pequena e tímida. O fato de eu ser um antropólogo da saúde mental – com ênfase no estudo dos saberes e práticas *psi* – certamente contribuiu para que, depois, transformasse essa vivência em pesquisa e tivesse recursos para discuti-la, mas foi sobretudo de uma elaboração *a posteriori*.

Essa distância temporal também consistiu em uma condição *sine qua non* para a escrita e a reflexividade do trabalho, dada a paralisia ensejada pela dor dos acontecimentos de 2020 e 2021 – perdas, isolamento, desesperança. Apesar de a seleção dos casos ser irremediavelmente pessoal, por conta de sua heterogeneidade eles são fortemente representativos das discussões divulgadas naquele momento na *internet*, especificamente no contexto brasileiro.

Esses fatos têm consequências com respeito aos aspectos éticos da escrita deste artigo. Optei por nomear explicitamente personagens cujas atividades etnografadas tinham caráter público e gratuito. Porém, preferi não nomear aqueles cujas ações eram cursos pagos, que exigiam inscrição prévia de seus participantes. Isso porque em nenhum momento compartilhei com seus coordenadores o fato de estar “fazendo pesquisa” ali – na verdade, como dito, eu me via como um “nativo” naquele momento, interessado nas quimeras noturnas durante o período do isolamento social. A diluição dessas identidades não prejudica o artigo, na medida em que seu objetivo não é nem as divulgar nem as avaliar positiva ou negativamente.

Antes, busco demonstrar como se desdobraram diferentes abordagens oníricas no momento histórico aqui delineado, levando-as igualmente a sério, em suas variadas significações antropológicas. Gostaria, a princípio, de chamá-las de hermenêuticas oníricas, porém, como será visto, algumas dessas se assentam justamente na crítica à ideia de interpretação, na direção de noções como assimilação ou experiência. Prefiro então chamar de *apanhadores de sonhos* esses especialistas, sendo a etnografia de como apanhar sonhos durante a pandemia o objeto da pesquisa.

O artigo mostra que a psicanálise se destaca nesse cenário em suas várias vertentes, seja como discurso autorizado a falar sobre sonhos, seja como objeto de crítica. Ao mesmo tempo, experimentações criativas desatadas pelo evento crítico também se tornaram possíveis, convocando outros saberes reconhecidos ou não como científicos e tensionando o aspecto supostamente privado e pessoal do sonho.

## Sonhar, acordar, anotar

Comecei a anotar meus sonhos em junho de 2020. Todos os dias, ao acordar, escrevia sucintamente o episódio noturno em um caderninho, embora sem saber exatamente o que fazer com a informação. Nem sempre conseguia lembrar da experiência e, para ser sincero, nunca me interessara pela prática anteriormente. Porém, quanto mais mantinha o hábito, mais detalhado e vívido se tornava o registro. 6 de junho: “Estou atrasado para a aula. Peço um Uber, e a motorista é a própria professora, A”. 10 de junho: “Estou no metrô, desviando de velhos amigos, para que não me reconheçam”. 15 de junho: “Entro no mar sujo, de chinelos, e perco um dos pés ao sair. Depois, por sorte, o encontro de volta na areia, devolvido pela onda”.

O roteiro onírico poderia variar bastante. Às vezes, sabia onde e com quem estava; às vezes, não; e às vezes, se bem que lugar e companhia me fossem familiares, estavam alterados de alguma forma. Frequentemente, os sonhos apresentavam algum tipo de incômodo, mesmo que exibidos em cenários prazerosos. Na verdade, o fio que se tecia entre essas anotações era o fato de elas registrarem cenas simplesmente impossíveis naquele momento. Nos primeiros meses da pandemia de covid-19, e muito antes do surgimento de qualquer vacina, a principal possibilidade de reduzir o risco de contágio – sobretudo para os que, como eu, bolsistas, pesquisadores ou profissionais liberais, tinham o privilégio de poder trabalhar de forma remota, confiando nas medidas preconizadas pela Organização Mundial da Saúde – era o isolamento social. Portanto, nem aula, nem transporte, nem praia faziam parte da vida cotidiana.

Ao contrário, ao menos dentro desse recorte de classe, visão de mundo e condição laboral, era o imperativo de ficar em casa que se anunciava e que ganhava significações particulares no espectro político. Pois, nos primeiros meses da pandemia no Brasil, o isolamento constituiu não só uma medida de proteção sanitária, mas também um enfrentamento – à esquerda – de um presidente da República negacionista, que ficaria conhecido por diminuir a gravidade da doença, se posicionar contra a quarentena e defender métodos de tratamento controversos, expondo a população à morte. Atividades caseiras – cozinhar, ver filmes, acompanhar *lives*, fazer videochamadas, se exercitar, beber, ou mesmo dormir – se constituíram, assim, em uma das formas de resiliência coletiva, apesar de sua suposta natureza privada e

individual. Os acontecimentos disruptivos foram entranhados de forma tentacular na ordem do cotidiano, e a vida passou a ser reconstruída ordinariamente, como também sugerido por Das (2020).

Sonhar entrou igualmente nessa lista de atividades ordinárias, evocando uma provocadora passagem de Walter Benjamin, escrita no estuor do entreguerras. Naquela época em que, segundo o autor, a transmissão das experiências narráveis se encontrava comprometida após o horror das trincheiras, da fome, da inflação, das complicações infinitas da vida diária, a vida onírica se anunciava como possibilidade compensatória: “ao cansaço segue-se o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia, realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia, por falta de forças” (Benjamin, 2012a [1933], p. 114). Benjamin ensina que a relação entre sonho e sonhador é dada pela configuração social mais ampla, ganhando uma possível aceção compensatória diante de um evento crítico.

Dessa forma, compreende-se como o interesse pela temática onírica naqueles primeiros meses de pandemia poderia consistir em um fenômeno maior e mais difuso, que aos poucos ganhava seus contornos no grupo social do qual eu mesmo fazia parte. Afinal, se as conversas e conteúdos interativos nas redes sociais eram perpassados pelas atividades da quarentena, estas incluíam tanto o momento da vigília quanto o do sono. Se as situações-limite podem ser marcadas pelo silêncio – como forma de proteção, produto da vergonha ou da necessidade de levar a vida adiante –, também frequentemente contam com aquelas testemunhas que não podem evitar a experiência de narrá-las (Pollak, 1989).

Inicialmente, grupos de amigos, via WhatsApp, relatavam não somente estar sonhando mais do que o normal, mas a recorrência de sonhos estranhos: intensos, vívidos. Usando a ferramenta de busca dessa rede, encontrei relatos como este, datados de 2020, de autoria de uma amiga: “Sonhei com um monte de larvas. L. varria tudo para mim”. O mesmo acontecia com conteúdos que, concomitantemente, passavam a ser compartilhados em outras redes sociais, inclusive de fora do Brasil. No Instagram, um perfil francês, *Rêves en Confinement*, justamente se propunha a publicar imagens com narrativas aleatórias de sonhos, sem necessariamente analisá-las. “Nós estamos depois do confinamento. Eu retomei o trabalho na loja. Saio para comprar o café da manhã com minha colega. Na hora de voltar, a loja desapareceu”, diz uma das publicações, datada de junho de 2020. Essas descrições não

possuíam um marco interpretativo fechado, mas adquiriam um caráter mais espontâneo, tal como minha própria prática de registrar sonhos, e surgiam no contexto específico da experiência da quarentena.

Seria para além desses colóquios cotidianos que ficaria mais evidente o papel da psicanálise na interpretação dos sonhos pandêmicos. Não muito tempo depois dessas trocas de relatos oníricos entre amigos ou desconhecidos nas redes sociais, me deparei com um questionário sobre a temática, também disponível *online*. Tratava-se da pesquisa “Sonhos em tempos de pandemia”, uma iniciativa de psicólogos e psicanalistas de várias universidades brasileiras,<sup>190</sup> que chegara a mim pelo Facebook. A investigação incluía um termo de consentimento livre e esclarecido, em que anunciava seu objetivo: “coletar relatos de sonhos produzidos durante o período de pandemia de COVID-19, bem como outros elementos a eles relacionados, sejam materiais escritos ou orais, a fim de compreender consequências psíquicas do momento atual”. O estudo não tinha nenhuma compensação financeira, mas pressupunha a criação de um banco de dados que incluiria a descrição do sonho e observações sobre o perfil social do sonhador. Vi nessa pesquisa uma oportunidade de dar vazão ao meu próprio interesse, já que a princípio não sabia muito bem o que fazer com minhas próprias anotações.

## O maior estudo sobre sonhos na pandemia

Não era uma casualidade que a pesquisa sobre sonhos fosse empreendida por profissionais do campo *psi*. Afinal, foram esses saberes – em particular a psicanálise – que, ao longo do século XX, se estabeleceram como conhecimento legítimo sobre a vida onírica. Em *A interpretação dos sonhos*, livro seminal da teoria psicanalítica publicado na virada do século XIX para o XX, Freud (2001) concebia tanto os sonhos quanto os pesadelos como guardiães do sono e manifestações de desejos inconscientes reprimidos. Depois, com base na experiência dos soldados sobreviventes da Primeira Guerra – a mesma que levara Walter Benjamin a citar os sonhos como compensações diante da fraqueza cotidiana –, ele reformularia sua teoria para incluir os sonhos traumáticos, que descreveria como repetições de traumas vividos e não elaborados (Freud, 2010).

---

<sup>190</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade de São Paulo (USP).

Nos vários desdobramentos da teoria psicanalítica, autores como Bion, Winnicott, Jung e Lacan, entre outros, deram continuidade a essas teorias, sempre mantendo a reflexão sobre a relação entre sonho e inconsciente. Suas ideias ganharam grande difusão não somente no meio intelectual, mas também popular e artístico. Não há melhor exemplo que as pinturas surrealistas de Salvador Dalí, que plasmaram a ideia freudiana do sonho como via régia de acesso ao inconsciente e, portanto, a uma inspiração artística livre de amarras (Rivera, 2002).

Posteriormente, também se destacaram severas críticas ao pensamento freudiano. Deleuze e Guattari (2010) problematizaram o fato de os conteúdos do inconsciente – e por derivação do sonho – nunca significarem eles mesmos, mas sim outra coisa, em uma espécie de teatro da representação do eu. Esses questionamentos, porém, serviram menos para enterrar de vez as interpretações psicanalíticas seminais e mais para ensejar sua difusão e multiplicação, incluindo o surgimento de novas práticas de cura, como a esquizoanálise.

A legitimidade e vigor das interpretações psicanalíticas sobre o sonho se confirmavam naquele momento pandêmico, mais de um século depois dos escritos originais de Freud, mesmo em um contexto marcado pelo relativo declínio da noção de pessoa psicanalítica e pelo crescente fisicalismo, seja nas neurociências ou nas terapias alternativas (Russo, 2001). Isso se dava por meio de uma proliferação de *lives* de divulgação científica e debates sobre sonhos e(m) pandemia protagonizados por especialistas desse campo. Buscando no YouTube, onde essas transmissões se encontram disponíveis até hoje, confirma-se essa hipótese ao reconhecer sua promoção por diferentes sociedades brasileiras de psicanálise ou por departamentos universitários afins ao saber psicanalítico. Em continuidade com esses conteúdos, a especificidade daquele questionário de pesquisa que recebi era abrir espaço para uma participação maior do público.

Relate seu sonho. Tente contar o que se lembra. Escreva à vontade.

*Sonhei que, num passado distante, havia assassinado sete homens. Mas vivia a vida normalmente, e a própria memória sobre o crime era turva. Somente na véspera do julgamento começava a elaborar a recordação. Porém, duvidava da própria realidade do acontecimento dentro do próprio sonho: era real, ou era um sonho? E, se fosse real, eu seria realmente imputável? Em algum momento, minha mãe me consolava, dizendo que iria ficar tudo bem, me desresponsabilizando pelo crime. Acordo antes do julgamento.*

Esse foi o meu registro inserido no questionário da pesquisa “Sonhos em tempos de pandemia”. Na época, como já dito, eu não sabia que estava fazendo pesquisa sobre o tema. Ao contrário, estava sendo pesquisado. Foi a força do hábito de etnógrafo que me fez copiar o conteúdo da resposta no bloco de notas. Ler a anotação dois anos depois me causa certa surpresa, não só pelo conteúdo perturbador do sonho, mas também pelo nível de detalhamento – muito maior, se comparado ao das minhas primeiríssimas anotações pandêmicas, que eram simplesmente frases curtas.

Mas não foi somente o conteúdo do sonho aquele a figurar no estudo. Uma série de perguntas circunstanciais também se imprimia no formulário. “Você se lembra de alguma coisa que pensou, viu, ouviu, leu e/ou vivenciou no(s) dia(s) anterior(es) à noite do sonho que queira relatar?”. No caso, eu havia visto uma série israelense, *Fauda*, em que um militar judeu assassinava um conacional. Talvez tenha sido influenciado pela cena, embora, ao vê-la, não sentisse nenhuma proximidade. Em termos psicanalíticos, provavelmente seria possível inferir que havia uma identificação inconsciente com o personagem, mesclada a fatores internos, como minhas relações familiares, em particular com minha mãe. A pesquisa, porém, não dava nenhuma interpretação naquele momento. Diversamente, era eu o convidado a fazê-lo: “Como você entende, interpreta ou explica esse sonho?”. A meu ver, o sonho falava sobre responsabilizar-se pelos atos – mas a questão ficava aberta, com mais enigmas do que respostas.

Até que ponto aquele sonho se relacionava ou não com as condições existenciais estabelecidas pela pandemia? Por um lado, falava sobre morte, mas não causada por um vírus, e sim sobre assassinato. Aparentemente, poderia sonhá-lo da mesma maneira, antes ou depois do isolamento. Por outro, tinha como uma das personagens minha mãe, uma pessoa idosa com quem eu passava a quarentena naquele primeiro momento, e havia clara influência de uma série televisiva também vista na mesma condição de quarentena. Justamente a esse propósito se dava uma das perguntas: “Você tem sonhado diferente de como sonhava antes da pandemia? Se sim, que diferenças você percebe?”. Respondi que, embora acreditasse que nem todos os sonhos falassem tão literalmente da pandemia, sua lucidez parecia cada vez maior. O sonho era pandêmico, mesmo quando não parecia ser.

O questionário chamava a atenção pelo detalhamento das questões, que incluíam também o perfil social – idade, gênero, cor/raça, ocupação, escolaridade, origem geográfica etc. A frequente acusação de

individualismo associada aos saberes *psi* não encontrava pertinência ali, pois havia toda uma atenção às características sociais e relacionais do sonho. Ao final, uma sessão mais “qualitativa” solicitava saber “um pouco mais sobre você”. Nessa parte, os campos permitiam descrever como a pandemia afetara a rotina, se havia sido contaminado ou perdido entes queridos para o vírus. Por fim, pedia para escrever de três a cinco palavras “que melhor descrevem seus pensamentos ou sentimentos diante da pandemia”.

Aquelas dúvidas iniciais foram se esclarecendo conforme acompanhava o andamento da pesquisa nas redes sociais. Embora nunca tenha recebido uma resposta personalizada sobre meu sonho, algumas transmissões ao vivo com os coordenadores da pesquisa contribuíram para contextualizar os resultados da pesquisa. É o caso de uma entrevista realizada com Christian Dunker, psicanalista da USP, intitulada “Sonhos confinados” (Sonhos..., 2021). Nela, o pesquisador explicou como a chegada da covid-19 provocou espontaneamente uma proliferação de relatos sobre os sonhos, na medida em que as pessoas estavam “sonhando mais” – algo que eu próprio vivenciara e confirmara na experiência cotidiana.

Foi a partir dessa percepção que se deu uma associação entre laboratórios oriundos de universidades de todo o país. A tarefa era “pegar os sonhos, no momento em que estavam aparecendo” e lhes dar algum ordenamento segundo cortes específicos. Isso gerou um banco de dados de mais de 2 mil sonhos. A primeira análise da amostragem foi computacional: quais termos se repetem? Quais são os nós mais importantes? Posteriormente, também fizeram análise qualitativa, buscando avaliar sua significação.

Segundo Dunker, os pesquisadores identificaram três momentos de frequência dos sonhos durante a pandemia. O primeiro foi marcado por sonhos vívidos, realísticos, com cores, texturas. Sua qualidade formal era inabitual, assim como sua extensão: “sonhos que eram novelas” (Magaldi [caderno de campo], 2021). Esses sonhos também eram transformativos. Ao acordar, os sonhadores se sentiam diferentes, com uma espécie de “dar-se conta” ou a conclusão de um processo de luto. É interessante a referência do psicanalista à recorrência de sonhos “xamânicos”, que respondiam não só ao indivíduo, mas ao contexto de sofrimento social. Embora o adjetivo seja obviamente metafórico, vê-se aqui alguma abertura para pensar o sonho para além dos cânones ocidentais. Logo, porém, retorna-se à abordagem psicanalítica. As palavras-chave de análise escolhidas para esse momento foram “mãe”

e “casa”, sendo a mãe, por excelência, o símbolo da casa, diante da experiência de infamiliaridade, do *Unheimlich* freudiano, imposta pela pandemia.

De acordo com o apresentador, a segunda foi a fase da monotonia. Os sonhos, antes vivos, passaram a ser esquecidos. Também surgiram sonhos “evacuativos”, que imprimiam uma continuidade com o trabalho cotidiano, incluindo o crescimento da angústia. Finalmente, começaram a surgir pesadelos, como cenas do vírus entrando na casa. Foi o momento dos sonhos de perseguição, paranoia; sonhos em que a pessoa anda sem rumo numa praia ou deserto.

No terceiro momento, já próximo a 2021, apareceram os de violência e batalha, no contexto social definido pela emergência da questão da vacina. Foi quando a percepção social do número de mortes – e de sua responsabilidade política – aumentou. Houve então uma “transformação agonística dos sonhos” (Magaldi [caderno de campo], 2021). Segundo Dunker, a figura do pai passou a ganhar proeminência em relação à da mãe, fosse na figura do pai aterrorizador, fosse na do protetor. Como o vírus não tem imagem, havia a necessidade de lhe dar forma. Os rostos dos políticos acabaram figurando mais intensamente, enquanto intelectuais, professores e artistas apareciam como contraponto. Também as mulheres, nessa altura, passaram a sonhar mais com vulnerabilidade, abandono e violência de gênero. Vê-se aqui a preocupação do autor em abordar os marcadores sociais e políticos da análise.

Dunker concluiu que os sonhos são “sismógrafos sociais”. Capturam nossos desejos, assim como projetam imagens possíveis de nosso futuro. Aqui, fez referência a um trabalho inspirador para sua pesquisa: *Sonhos no Terceiro Reich*, de Charlotte Beradt (2017). Trata-se de uma jornalista alemã que coletou sonhos na década de 1930, antes da instalação completa do nazismo. Esses sonhos antecipavam fenômenos que ainda não existiam, mas que existiriam em breve, como as deportações para os campos de concentração e extermínio. Beradt, assim como Benjamin e Freud, é mais uma autora a evidenciar o nexo privilegiado entre evento crítico e saber onírico.

Não cabe aqui analisar a pertinência ou não dessa análise feita por Dunker, que teve variados desdobramentos e, posteriormente, deu origem ao livro *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia?* (Dunker et al., 2021). O que sim gostaria de sublinhar é sua especificidade, que reside na combinação entre: a) procedimentos típicos do pensamento científico moderno – coleta, ordenamento

e classificação; b) a linguagem “familista”, característica do saber psicanalítico: as figuras do pai e da mãe ganham, assim, proeminência; c) a referência a temáticas sociais e políticas. Conjuntamente, esses atributos constroem um estilo de pensamento sobre o sonho que o entende como um tema de saúde mental, capaz de refletir e ao mesmo tempo dar uma resposta ao sofrimento social, em especial aquele gerado pela pandemia. Esse modo de apanhar sonhos se diferencia de outras variedades etnografadas, que descrevo a seguir.

## Assimilações oníricas

Em agosto de 2020, recebi na caixa de entrada do *e-mail* um convite para o curso *Os sonhos e a vida*. Diferentemente da experiência anterior, não se tratava de uma pesquisa acadêmica, mas de um curso de formação via Zoom, que instruíra seus alunos em conteúdos relativos à história e à antropologia dos sonhos. Embora M., o professor, fosse psicólogo de formação, trazia uma abordagem que não se propunha somente a interpretar sonhos, mas a “assimilá-los” através de exercícios, incluindo meditação. A atividade, embora paga, era aberta ao público mais amplo, sem exigir qualquer tipo de graduação prévia. Entre meus colegas, havia naturalmente profissionais da área *psi*, mas também artistas, médicos ou simplesmente curiosos – como eu mesmo era, naquele momento. Eu já havia tido contato com o professor, pois, antes mesmo da pandemia, participara de uma palestra sobre a filosofia spinozista em um de seus espaços educativos. Abaixo, segue uma etnografia de seu curso sobre sonhos, incluindo tanto suas práticas quanto teorias interpretativas, que operam principalmente a partir de controvérsias. O objetivo, como nas outras sessões, é sobretudo descritivo.

M. dedicou a primeira aula a explicar como os modos de conceber e experimentar os sonhos passaram por grandes transformações com as pretensões transcendentais dos saberes modernos. As interpretações oraculares, presentes em diversas tradições antigas – hindu, taoísta, budista, egípcia, grega, romana, entre outras – se chocaram, em primeiro lugar, contra a própria tradição cristã, que perseguiu intérpretes oníricos e contribuiu para a demonização do sonho na Europa pré-moderna e em suas regiões de predomínio. Concomitantemente, se construiu o triunfo das filosofias dualistas – platônica, escolástica, cartesiana, kantiana, entre outras –, que instauraram um grande divisor entre realidade e representação. Como consequência disso, sonho e

vigília puderam ser imaginados como termos radicalmente distintos, o primeiro correspondendo à fantasia e ao erro, e o segundo, à realidade e à razão.

Embora dominante, esse processo não impediu a permanência e vigor de toda uma vasta linhagem de saberes que viram no sonho uma matéria-prima de interesse. Heráclito, os estoicos, os bruxos herméticos, Spinoza, Hume, Leibniz, Whitehead, Bergson e Deleuze seriam alguns dos pensadores a “desarmar a bomba dualista” (Magaldi [caderno de campo], 2020), abrindo caminho para uma visão imanente do sonho. Referências antropológicas também ganhavam importância, como a compilação *Dream cultures* (Shulman; Stroumsa, 1999), que traz material histórico e etnográfico da China, da Índia e das Américas, bem como das Antiguidades Clássicas grega e romana, do cristianismo primitivo, do islã e do judaísmo medieval; ou o trabalho de Barbara Glowczewski (2015), focado no contexto etnológico dos Warlpiri da Austrália. M. incluía também referências literárias, como Kafka, Borges e H. P. Lovecraft, e filmes, como *Inception*. Em comum, o que essas referências propunham era propriamente uma revalorização epistêmica do sonho, em detrimento do que seria um certo lugar comum do pensamento ocidental.

Na segunda aula, M. aprofundou a crítica à psicanálise. Segundo o professor, a cosmovisão cristã alimentou Freud. Daí a ideia de que o sonho guarda uma espécie de segredo oculto, possivelmente pecaminoso e disparador de sentimento de culpa. A tentativa de resolver o dualismo entre corpo e alma seria analisada no pensamento freudiano por meio da ideia de *Trieb* (pulsão), sem, no entanto, conseguir subverter os termos da polaridade. A consequência disso para a concepção do sonho é a de que este estaria em uma parte transcendental da mente: seria como o líquido que escapa de uma represa furada, e não um elemento constitutivo de uma totalidade integrada. M. também criticou a terminologia sexual com a qual Freud interpretou os sonhos, particularmente a propósito dos complexos de Édipo e Electra. Como resultado disso, o sonho não teria uma existência em si, significaria sempre alguma outra coisa. “O poste não é um poste, mas um pênis”, exemplificou. “A psicologia sequestrou o sonho, que se torna um indicador de coisas reprimidas”.

M., em seguida, citou também a visão junguiana. Carl Gustav Jung – discípulo suíço de Freud que posteriormente criou sua própria escola, a psicologia analítica ou complexa – teria tido o mérito de

deslocar a ênfase da interpretação sexual de seu mestre. Além disso, teria se destacado por valorizar diversas formas de conhecimento, da física quântica à gnose e à *vedanta*. Porém, o problema de sua interpretação seria a ideia de arquétipos, que pressupunham matrizes imagéticas universais, depositadas ao longo da história humana em uma camada mais profunda do inconsciente pessoal, o inconsciente coletivo. Para o professor, essa ideia seguiria num lastro kantiano, em que “a coisa em si” é inacessível, e o mundo, mediado por categorias. Permanece-se, assim, em uma visão dualista.

Nesse sentido, M. explicitou sua preferência pela esquizoanálise, que pressupõe um encontro analítico sem uma teoria interpretativa *a priori*, tal como proposto por autores como Deleuze e Guattari. Nessa abordagem, o sonho não tem um significado fixo, nem significa outra coisa: antes, é matéria-prima de ressonâncias com a vida do sonhador. Essa ideia ficou mais clara quando, ao final da aula, os alunos foram convidados a relatar um sonho para o público. Este foi relatado por um dos participantes do curso:

Sonhei que estava numa guerra e eu fazia parte de um grupo que era meio humano, meio felino. Tínhamos poderes da natureza, conseguia mover pedras, fazer florescer uma flor, controlar a terra. Vencíamos os inimigos assim. Até que eu e mais um companheiro entramos em terras inimigas para resgatar uma amiga e um bebê. Os inimigos viram que entramos no território deles e fecharam todos os portões. O muro era muito alto, mas do outro lado havia árvores igualmente altas. Com a mente, fiz uma árvore curvar seu galho para dentro do território inimigo, subimos nela, e ela nos levou para o outro lado. E então corremos muito e encontramos o resto da “tribo”, tinham muitas pessoas do jardim do beija-flor [fraternidade de *ayahuasca* que frequentei por um tempo]. Nos abraçamos e vencemos a guerra (Magaldi [caderno de campo], ago. 2020).

Após o relato, o professor não entregou uma interpretação pronta para o aluno. Primeiramente, fez perguntas: “O que, desse sonho, você pode trazer para sua vida?”. Ou então: “Que devires podem passar aqui na potência do sonho?”. Com essas perguntas, M. buscava deslocar a ênfase excessiva nas interpretações para o que chamava de potência assimilativa. Não seria a temática animal um chamado para o aspecto mais selvagem e instintivo? O que aqueles devires felinos poderiam trazer para o corpo? Assim como o *tao* do taoísmo, o sonho poderia ser

assimilado como um conhecimento intuitivo da “vida” que não pode ser apreendido completamente – ou tão somente – como um conceito, mas é conhecível através da experiência de vida real, cotidiana.

Nesse momento, me lembrei de um dos sonhos que havia tido naquela semana. Nele, eu estava em uma livraria, sem conseguir escolher entre várias edições lindas do livro de uma autora argentina que conheço, mas que nunca li em vigília (Alejandra Pizarnik). A partir disso, comecei a procurar (desperto) sobre a autora. Pensei, na hora, que isso seria assimilar o sonho – e não simplesmente interpretá-lo – no sentido preconizado por M. “E se isso que eu sonhei acontecesse aqui e agora?”, costumava dizer o professor em suas aulas. O sonho, nessa leitura, não era uma representação de um inconsciente oculto, mas uma ocorrência a ser levada a sério e posta em prática.

Nas aulas seguintes, M. procedeu com sua própria teoria, que, além da esquizoanálise, se baseava em alguns pressupostos da física quântica. Se as coisas materiais não são estáticas, mas sim vibrações densas, o sonho seria uma espécie de vibração sutil. O sonho seria, assim, um aspecto da realidade, um estímulo para a vida e uma forma de ir além dos limites estabelecidos pelo sensorio motor. Seria nesse sentido que as práticas regulares de meditação – sobretudo realizadas antes de dormir – teriam o potencial de despertar a potência do sonho para a vida. Isso seria válido tanto no contexto pandêmico – que ficava subentendido nas aulas, mas não era nomeado explicitamente, diferentemente do caso anterior – quanto fora da emergência sanitária, na vida comum.

## Reaprendendo a língua do sonho

Passamos a vida, noite após noite, sucumbindo ao poder do cosmos enquanto nosso planeta gira em um ritmo circular, nos jogando para dentro de um estado de consciência que sabemos muito pouco. A humanidade já andou mais próxima dessa força noturna que foi se apagando em nome de um mundo mais idêntico em si mesmo, mais racionalista. Mas nosso corpo é uma tecnologia viva, um imaginário pulsante e segue resistindo a linearidade que nos é imposta. Eu sigo com esse desejo profundo de reunir pessoas para reaprendermos juntos a língua do sonho (que é infinita e fala diferente em cada corpo). Serão 4 encontros (o sonho e o simbolismo, o sonho e o tempo, o sonho e o si

mesmo, e o sonho e portal criativo) onde reúno conteúdos e práticas de aprofundamento no universo onírico.<sup>191</sup>

Achei essa chamada em uma conta do Instagram, que apareceu para mim por via dos algoritmos. Já havia se passado um ano desde o início da pandemia. Meu interesse sobre sonhos – e, conseqüentemente, minha prática de anotá-los – já arrefecera diante da crescente quantidade de trabalho remoto e da longa espera com relação à vacina, que então chegava lentamente aos braços de poucos, depois dos atrasos do Governo Federal. Porém, naquele mesmo período, tive um sonho bastante explícito sobre o tema, que retratava a ansiedade do momento:

Sonhei que era vacinado num hospital privado com o que seria a “vacina de Israel”. O enfermeiro fazia mistério sobre o nome da vacina – que aplicava com uma furadeira, no meu braço direito, durante largos minutos. Procurando depois no Google a partir do comprovante, as informações eram ambíguas: em algumas páginas, a eficácia comprovada era de apenas 40 por cento; em outras, dizia-se que seria no futuro a vacina mais eficaz. Ficava na dúvida: esse certificado seria aceito no aeroporto? No final, eu estava em Jerusalém, completamente vazia, e encontrava Jesus (Magaldi [caderno de campo], maio 2021).

Talvez seguindo os ensinamentos do professor M., não procurei interpretar exaustivamente o sonho, que possuía referências religiosas que não eram tão constantes na minha vida – pelo menos na vigília. Mas sim reativei meu interesse pelos sonhos, e assim resolvi dar uma chance e participar da *A gira dos sonhos*, que se anunciava naquela chamada do Instagram, porém foi realizada também pela plataforma Zoom.

Diferentemente dos outros apanhadores de sonhos aqui descritos, K., a coordenadora da atividade, não possuía formação psicológica. Diversamente, era uma atriz interessada na temática onírica, e particularmente, nas práticas criativas e expressivas possibilitadas pelos sonhos. Seu trabalho começara em 2018, quando sonhou que era capaz de descobrir o que as pessoas do mundo sonhavam. A partir de então, teve a ideia de criar espaços de convívio através dos sonhos. Seu público era majoritariamente composto de artistas, como atores, cineastas, artistas visuais e *performers*.

---

<sup>191</sup> Texto de maio de 2021 encontrado em *post* do Instagram.

Seu curso não prescindia de uma digressão histórica e antropológica a propósito do assunto. Em sua primeira aula, ela se dedicou a explicar como sonho era uma tecnologia do corpo, relacionada com as forças da natureza, os rituais antigos e o surgimento dos deuses e da mitologia. Seu propósito, no curso, seria resgatar nossa capacidade de sonhar, diante do crescente distanciamento do sonho que teria se dado na história moderna. Justamente nesse ponto, fez uma referência a Davi Kopenawa e às cosmovisões ameríndias, que teriam o potencial de nos devolver esse ensinamento.

Segundo a professora, o período da pandemia, inclusive, seria propício para falar do tema. Se houve um *boom* de literatura do testemunho após a Segunda Guerra, agora, diante das mortes e do isolamento, seria o momento de olhar para dentro. Se também na Segunda Guerra os sonhos funcionaram como usinas de futuro, incluindo premonições (aqui, de novo a referência ao trabalho de Beradt, citado também por Dunker), seria o caso de aproveitar a oportunidade no presente.

Sua linha de pensamento não diferia da do professor M., no sentido de que ambos apontavam para um progressivo descrédito do sonho no pensamento ocidental. K., porém, se inspirava menos na esquizoanálise e na filosofia da diferença e mais em outras referências, como a psicologia junguiana, que se assentava na já referida ideia dos arquétipos e do inconsciente coletivo.

Veja-se um exemplo dessa abordagem oferecido pela professora. Ela relatou um sonho no qual estava em Paris, com sua companheira, em um jantar com generais. Sentia, contudo, que não era bem-vinda. Uma mulher mais velha a olhava e dizia que aconteceria um golpe de Estado, que tinham que sair imediatamente e deveriam alertar as pessoas para ir embora. Ela foi para um jardim, pensar em um plano de fuga. Nesse momento, viu uma senhorinha caminhando lentamente e sentiu que sabia o que era necessário saber. Nesse ponto, acordou. Em seguida, explicou que os arquétipos nos visitam nos sonhos. No caso em questão, tratava-se da visita do arquétipo da velha sábia, que indicava o conhecimento feminino.

Além da leitura arquetípica, K. propunha uma série de exercícios. Um deles era o de fazer uma retrospectiva do dia de marcha a ré, logo antes de dormir. Como sugeriu, revisitar o dia durante a noite é o mesmo que lembrar do sonho pela manhã. Também recomendava pedir um sonho de cura, escrevendo a solicitação em um papel e colocando-o debaixo do travesseiro. Outra prática era, através da imaginação ativa,

dar continuidade ao sonho durante uma sessão de meditação e abrir caminho para seu desdobrar em vigília. Por fim, durante a aula, realizava práticas de fluxo de escrita, em que um poema era desdobrado a partir da memória do sonho.

Uma vez, uma aluna contou um sonho segundo o qual, em um dia vago de seu trabalho, faria uma *performance*. O nome desta seria Casulo. Ela se penduraria pelos pés e enrolaria uma corda ao redor do corpo inteiro, exatamente como um casulo. Iniciaria uma chamada no Zoom e, quando as pessoas entrassem, soltaria a corda: tudo se desenrolaria, inclusive a angústia de estar pendurada. Em seguida, K. fez diversas perguntas para a aluna. A seguir, as perguntas e respostas dela:

QUE TÍTULO VOCÊ DARIA PRA ESSE SONHO?

O Casulo.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

Estou pendurada, saindo, girando.

COMO SE SENTE?

Sinto adrenalina.

O QUE PRECISA?

Entregar.

QUE SERVIÇO O SONHO TE PRESTA?

Vontade de voar.

EM QUE SENTIDO? TRABALHO? VIDA?

Na minha expressão.

QUE FENÔMENOS ESTÃO SURGINDO?

Sinto vergonha, sinto empolgação. Uma liberdade, talvez.

CONSEGUE FAZER ALGUMA ASSOCIAÇÃO?

Casulo tem a ver com a transformação. Sair de um andar fechado para um lugar aberto. Saindo de processo de paranoia, medo, pânico. Me sinto mais coerente com quem eu sou.

TEM ALGUM SIGNIFICADO PRA VOCÊ?

Entrega. Conexão. Não medo (Magaldi [caderno de campo], maio 2021).

A partir desse questionário, K. sugeriu a escrita de um poema eliminando as perguntas e utilizando as palavras-chave das respostas. Vê-se que, embora os sonhos possam corresponder a algum significado

arquetípico, o foco residia em colocá-lo em prática – tendendo para as ações artísticas e expressivas. Assim como no caso anterior, o curso não dedicou as aulas a uma elucubração explícita sobre os sonhos durante a quarentena, mas o contexto ficava subentendido, dada a virtualidade das aulas e o próprio conteúdo dos sonhos, que lidavam com situações de isolamento e angústia. Se as aulas não falavam somente de sonhos *da* pandemia, elas se davam claramente *na* pandemia e propunham exercícios artísticos e meditativos para lidar com ela.

## Suspendendo o céu

Como mais um exemplo desse manancial de referências, vale citar o encontro entre o pensador indígena Ailton Krenak e o neurocientista Sidarta Ribeiro (Mesa 6..., 2020). O primeiro é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro, atuante na esfera pública desde os anos 1980, na conjuntura da redemocratização. Em seus livros, como *Ideias para adiar o fim do mundo* (Krenak, 2019), ele critica a noção de uma humanidade separada da natureza e descreve algumas ideias ameríndias de sonho, intrinsecamente relacionadas ao cotidiano. O segundo, um dos maiores especialistas sobre sonhos no Brasil, é professor titular e vice-diretor do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e autor de livros como *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho* (Ribeiro, 2019). Longe de apresentar em sua obra uma espécie de reducionismo biológico, Ribeiro mostra como os sonhos eram importantes às civilizações antigas, bem como ainda o são nas culturas ameríndias. Mobiliza, a propósito do tema, os principais debates da psicanálise, da medicina, da biologia molecular e da neurofisiologia, além de referências literárias e biográficas.

Realizada em uma *live* no canal do YouTube da Companhia das Letras em maio de 2020, a conversa se deu justamente a propósito da temática onírica, misturando-a, porém, aos temas do momento: a pandemia e a política sanitária adotada pelo governo. “Sonhos para adiar o fim do mundo” colocou em diálogo – pela primeira vez – esses dois reconhecidos apanhadores de sonhos, enfatizando suas afinidades, a despeito de sua evidente origem social distinta.

Na introdução do evento, Ribeiro sugeriu uma aproximação entre seu mundo e o mundo de Krenak. Porém, acrescentou que, no final das contas, “estamos no mesmo mundo”, como a própria pandemia acabara de denunciar. Uma tentativa de acionar os vários saberes acumulados

sobre o sonho deveria, nesse sentido, evitar os caminhos extremos, fosse do absolutismo de tal ou qual disciplina, fosse do relativismo paralisante. Deveria também incluir uma consideração histórica, já que foi no momento em que a civilização ocidental abraçou a técnica que se abandonou a arte de sonhar. Se a reclusão é presente em diversos povos indígenas como período de reflexão e iniciação, o momento da pandemia poderia ser aproveitado para a junção de saberes, em um alinhamento respeitoso e tolerante.

No início da conversa, a jornalista e roteirista Carol Pires, mediadora da mesa, indagou seus interlocutores sobre a importância de compartilhar sonhos dentro de casa, entre família e amigos, durante o período da quarentena. Seria possível criar uma nova cultura a partir do hábito de contar sonhos? Para Krenak, não havia dúvida. Pois “o sonho é uma instituição que admite sonhadores”, e, assim, sempre conseguimos trazer histórias do mundo do sonho para a vigília.

O pensador indígena deu como exemplo a história de um pajé Xavante que vivia perto do Xingu, na serra do Roncador. O ancião chamou os jovens da geração de Krenak e disse: “Tive um sonho em que o espírito da caça veio muito bravo e me convocou, dizendo que eu era um irresponsável e que os brancos estavam devastando o mundo, a caça ia acabar”. Os caçadores, então, se mobilizaram, compartilhando a situação com a comunidade. Para Krenak, a ciência daquele pajé alertando a próxima geração se cumpriu, mostrando que o sonho nos prepara para a relação com o cotidiano. O pensador lembrou que em contextos indígenas, no geral, as pessoas comunicam os sonhos pelas manhãs, não necessariamente em praça pública, mas em suas dimensões íntimas. Pois, afinal, o sonho é um veículo de afetos, no vasto sentido da palavra: ele afeta o mundo sensível, subjetivo, das comunicações.

Em seguida, passou-se ao tema da pandemia. Ribeiro descreveu a situação do governo ocupado por negacionistas como dantesca, infelizmente com o apoio de parte da população. Considerou os traumas não resolvidos da história brasileira – o genocídio indígena, a escravização dos povos africanos, a anistia durante a ditadura militar – um dos principais fatores a determinar a conjuntura. Krenak também enxergou um assalto à ideia de cidadania e de República, lembrando sua participação ativa na Constituinte, e recordou as mortes crescentes pela covid-19, a exemplo daquelas ocorridas em Manaus. Admitiu o luto pela tragédia sanitária e a falta de humanidade dos que ocupam cargos públicos. “Se te dão um chiqueiro, tem que prever que lá dentro tem porcos – e não pássaros”, ironizou.

Ambos os autores, entretanto, reconheceram que o problema extrapolava a realidade brasileira. Para Krenak, “o *Homo sapiens*, o humano como espécie, é o único endereço do vírus”, enquanto as borboletas continuam voando livremente. Para exemplificar, contou um antigo mito de seu povo, segundo o qual o criador deixou a humanidade na Terra e foi para algum outro lugar no cosmos. Um dia, o criador se lembrou de sua criação e decidiu voltar para ver o que as criaturas se tornaram. Por conta desse questionamento, decidiu não ter um encontro pessoal, mas num truque se transformou em um tamanduá. Quando se colocou nas paisagens, porém, os caçadores o prenderam. Duas crianças gêmeas deram instruções para que conseguisse fugir. Na colina, as crianças, ciente de que o tamanduá era o criador, perguntaram: “Avô, o que achou da gente?”. O tamanduá fez um sinal de “mais ou menos”. Krenak concluiu: o humano é precário, não tem certificado, ou seja, pode dar errado.

Nesse sentido, completou: “Nós não somos a humanidade que pensamos que somos”. Segundo o autor, seria exatamente o pensamento de unanimidade da humanidade que justificaria a destruição das florestas. Outra consequência disso seriam as desgraças do século XX, como guerras mundiais e genocídios, e as técnicas que, em seu suposto avanço, criaram barris de pólvora. A tragédia, portanto, é global, pois o capitalismo é uma metástase que alcançou o mundo inteiro.

Ribeiro, então, retomou o tema dos sonhos para abordar essa mesma temática, citando a epígrafe deste artigo: “Os brancos às vezes até conseguem sonhar, mas sempre sonham com o próprio umbigo”, como disse Davi Kopenawa. A partir dessa lembrança, reconheceu a dificuldade de pensar em um coletivo planetário, pois o individualismo é muito grande e não há um sonho coletivo, diferentemente do que ocorre entre os povos ameríndios. Acrescentou que, no mundo industrializado, as pessoas mal lembram o que sonham, quem dirá sonhar junto. Observou, porém, que sonhos coletivos estavam acontecendo na pandemia: “As pessoas têm sonhado de forma semelhante, pois a situação é parecida para todos. Estamos todos no mesmo barco”. Tratava-se da emergência sanitária em um jogo capitalista que não parecia querer parar. “A covid-19 é uma oportunidade para que a gente acorde desse sonho-pesadelo do Deus dinheiro”, arrematou.

Ribeiro disse que ele mesmo não sonhava recorrentemente nos últimos tempos, mas via uma grande retomada dos sonhos, especialmente dos épicos, epopeias, nos primeiros meses da pandemia. Isso porque o sonho tem a ver com o que está acontecendo, o que tem

sido investigado por vários pesquisadores – como o próprio Christian Dunker, citado anteriormente neste texto. Sugeriu que, para recobrar a capacidade de sonhar, era preciso tornar o sonho um assunto importante: narrando-o para si mesmo e para os outros com quem se tem laços afetivos; transformando-o em objeto de atenção ao longo do dia e antes de dormir. Ao despertar, Ribeiro sugeriu ficar imóvel e tentar registrar o sonho – fazer um áudio ou escrever. Com a prática, e também com o cuidado do próprio corpo, as lembranças poderiam ficar mais vívidas. “Sonhar é tão natural e espontâneo como se respirar e alimentar, mas muita gente não se lembra disso”, concluiu.

Krenak finalizou o debate com a ideia de “suspender o céu”, referência a uma tradição ameríndia que prevê uma comunhão entre o céu e a Terra. A teia da vida, que relaciona todos os corpos, teria a potência de suspender o céu quando a Terra se sentisse pressionada. Entre os Krenak, a pressão do céu sobre a terra é sazonal, acontece com a primavera. Seria preciso, então, cantar e dançar para suspender o céu, ou seja, para que a saúde da Terra pudesse acontecer nessa passagem.

Nesse modo de apanhar sonhos, a conjuntura pandêmica e a situação do governo foram o tempo todo relacionadas aos materiais oníricos. Em continuidade com os dois casos anteriores, um neurocientista e um pensador indígena concordaram com a necessidade de acionar o sonho na vida cotidiana. Imprimiram nisso, todavia, uma função profundamente política, relacionada ao enfrentamento da devastação capitalista, da separação natureza/cultura e, especificamente, do negacionismo bolsonarista.

## Considerações oníricas

Neste trabalho, procurei demonstrar alguns modos diferenciados de apanhar sonhos durante os dois primeiros anos da pandemia, quando a quarentena e a ansiedade pela chegada da vacina em um contexto de negacionismo marcavam a tônica do momento. Destaquei que, não à toa, “o maior estudo sobre sonhos na pandemia” – e também o que teve maior divulgação pública na *web* – foi realizado por profissionais *psi* que, embora heterogêneos em seus interesses, tinham como ponto nodal a inspiração na teoria psicanalítica e o interesse de aplicá-la no campo da “saúde mental”. Essa característica confirmou a longa legitimidade desse saber sobre a questão dos sonhos, reafirmando o vigor da linguagem do inconsciente nessa seara. Destaquei que essa

linguagem não somente não arrefeceu diante do triunfo do fisicalismo e do reducionismo biológico, como tampouco consiste em uma simples coincidência com a ideologia do individualismo, na medida em que também se abre para pensar o sofrimento social, os marcadores sociais da diferença e a política.

Além disso, destaquei que essa ênfase “*psi*” não impediu a existência de outros saberes oníricos, inclusive críticos da psicanálise, com inspiração na filosofia, nas artes, nas práticas de meditação, nas neurociências, no xamanismo e nas tradições indígenas. O momento foi caracterizado menos pela imposição de um saber doutrinário e mais pela coexistência de saberes e práticas em sua heterogeneidade e diversidade. Pois, em comum, o que todos esses métodos pressupunham era uma maneira de lidar com a situação-limite desatada pela pandemia através da compreensão e do acionamento dos sonhos. Assim, se há limites para a criação de novos modelos de entendimento a partir do evento crítico, não significa que possibilidades criativas não possam ocorrer.

Antes de terminar, gostaria de pontuar algumas limitações e questões abertas deste artigo, que poderão ser trabalhadas futuramente. Será importante refletir não somente sobre essas diferentes abordagens sobre o sonho, feitas *a posteriori*, mas sobre a própria coprodução entre sonho, saber e evento crítico. Em outras palavras, em que medida a difusão e circulação dessas práticas – sejam elas psicanalíticas, esquizoanalíticas, artísticas, neurocientíficas ou xamânicas – em diferentes contextos sociais interferem no próprio ato de sonhar, fabricando os próprios sonhadores – e não somente suas interpretações ou assimilações? Além disso, que potenciais de diálogo são abertos para as próprias antropologias que incorporam o sonho como parte integrante ou central da etnografia?

Escrevo este trabalho em dezembro de 2022, com as quatro doses da vacina no braço. Apesar do retorno do crescimento dos casos de covid-19, o isolamento social não é mais praticado como principal forma de prevenção do vírus. As atividades presenciais regressaram em sua totalidade. Se bem me lembro do que sonhei hoje, e continuo interessado no tema, deixei de fazer anotações oníricas pela manhã – mas não deixei de me interessar por escrever este artigo. Sugestão de que, a qualquer momento, os sonhos podem sair novamente de seu simples lugar de reflexos e simulacros. Pois, assim como a imagem do passado pisca em um momento de perigo (Benjamin, 2012b), o mesmo ocorre com as imagens oníricas.

## Referências

- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012a [1933]. p. 114-119.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012b. p. 241-252.
- BERADT, C. *Sonhos no Terceiro Reich: como sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- DAS, V. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. São Paulo: Editora da Unifesp, 2020.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.
- DUARTE, L. F. D. A circulação dos saberes e práticas psicanalíticas nas ciências sociais. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 33-50, 2017.
- DUNKER, C. et al. *Sonhos confinados: o que sonham os brasileiros em tempos de pandemia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- FLECK, L. *Estilos de pensamento na ciência*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- FREUD, S. *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GLOWCZEWSKI, B. *Devires totêmicos: cosmopolítica do sonho*. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.
- LINS RIBEIRO, G. “Descotidianizar” el mundo. La pandemia como evento crítico, sus revelaciones y (re)interpretaciones. *Desacatos*, Cidade do México, n. 65, p. 106-123, jan./abr. 2021.
- MAGALDI, F. *Caderno de campo*. [S. l.], ago. 2020/maio 2021.
- MESA 6: Sonhos para adiar o fim do mundo, com Ailton Krenak e Sidarta Ribeiro | #NaJanelaFestival. [S. l.]: Companhia das Letras, 2020. 1 vídeo

(1h16min). Publicado pelo canal Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw&t=70s>. Acesso em: 29 jan. 2023.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RIBEIRO, S. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIVERA, T. *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

RUSSO, J. A pós-psicanálise: entre Prozac e florais de Bach. In: JACÓ-VILELA, A. M.; CEREZZO, A. C.; RODRIGUES, H. B. C. (org.). *Clio-Psyche hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. p. 219-234.

SHULMAN, D; STROUMSA, G. G. (org.). *Dream cultures: explorations in the comparative history of dreaming*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

SONHOS confinados – Entrevista com Christian Dunker. [S. l.]: Metrôpoles, 2021. 1 vídeo (19 min). Publicado pelo canal Metrôpoles. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VJETOdbMiFY>. Acesso em: 29 jan. 2023.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Introdução. In: KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 11-34.